

ÚLTIMO RECURSO

# Bolsa Família, o novo seguro-desemprego

Número de beneficiários cresce em cidades ricas, que perderam postos de trabalho

PEDRO CAPETTI, DAIANE COSTA E ELISA MARTINS

Desde o início da crise, em 2014, o número de beneficiários do Bolsa Família vem crescendo nas cidades mais ricas e industrializadas. Em 11 dos 15 municípios do Brasil

onde a expansão do programa foi maior, a renda *per capita* supera a média nacional. A maioria dessas cidades tem economia calcada na indústria, setor que perdeu quase um milhão de empregos desde 2015. Em São Paulo, houve aumento de 59% no número de atendidos em seis anos. Para especialistas, o Bolsa Família tornou-se uma proteção para quem não consegue trabalho. Assim, o programa, criado para aliviar a pobreza estrutural, ganhou novo perfil com a longa crise econômica do país, atendendo

também a quem foi demitido e não conseguiu trabalho após receber os cinco meses de seguro-desemprego. Um em cada quatro desempregados procura vaga há mais dois anos. São 3,35 milhões de brasileiros nessa situação. PÁGINAS 23 e 24



**Sem opção.** Walisson Machado, auxiliar de gráfica de São Paulo, cadastrou-se no Bolsa Família há cerca de um ano. Ele usa parte dos R\$ 188 que recebe para pagar condução quando sai em busca de trabalho e para imprimir currículos



SEM VAGAS

# SOBREVIVÊNCIA

## Bolsa Família vira novo seguro-desemprego e cresce em municípios ricos do país

PEDRO CAPETTI, DAIANE COSTA E  
ELISA MARTINS  
economia@oglobo.com.br  
RIO E SÃO PAULO

**N**a semana em que o fim do inverno bateu 35 graus em São Paulo, Wallisson de Brito Machado, de 34 anos, saiu cedo de São Mateus, na Zona Leste da capital paulista, para encarar o sol e a fila de um feirão de vagas organizado pela UGT e o Sindicato dos Comerciantes no Vale do Anhangabaú, no Centro. Desempregado, sua única renda são os R\$ 188 que recebe do Bolsa Família. Ele decidiu se cadastrar no programa há pouco mais de um ano, depois de várias tentativas frustradas de achar uma nova posição como auxiliar de gráfica, função que já exerceu com carteira assinada.

— Sempre fui independente e trabalhei. Mas está difícil conseguir uma chance. Com filha recém-nascida, esposa com depressão e meus parentes sem poder ajudar mais, tive de pedir socorro ao governo — diz Wallisson, que usa parte do benefício para pagar passagem de ônibus e continuar participando de seleções.

Para o evento no Anhangabaú, ainda gastou R\$ 10 em uma *lan house* para imprimir 30 currículos, quase 5% do benefício.

Wallisson representa um novo perfil de beneficiário do Bolsa Família. Com a lenta recuperação da economia, o programa se tornou uma espé-

cie de seguro-desemprego. Nos últimos seis anos, cidades ricas que perderam vagas — como São Paulo — estão entre as que mais ganharam beneficiários. O seguro-desemprego só é pago por cinco meses.

Levantamento feito pelo GLOBO nos dados do Ministério da Cidadania mostra que, entre os 15 municípios com mais de 100 mil habitantes onde houve maior crescimento do Bolsa Família entre 2013 e 2019, 11 têm PIB *per capita* acima da média nacional. A maioria também tem em comum uma economia direta ou indiretamente ligada à indústria, setor que mais destruiu empregos na crise: quase um milhão de vagas perdidas de 2015 a 2017. E, mesmo depois que a economia voltou a crescer, só recuperou 75 mil.

### DESEMPREGO PROLONGADO

Dez dessas 15 cidades ficam no estado de São Paulo (a capital e outras nove em seu entorno), duas no Rio de Janeiro (Macaé e Rio das Ostras) e outras três no Pará (Abaetetuba), Santa Catarina (Balneário Camboriú) e Rio Grande do Sul (Gravataí). Juntos, esses municípios tiveram aumento superior a 50% no número de beneficiários entre 2013, ano anterior ao início da crise, e 2019. Em Carapicuíba, na Grande São Paulo, a alta chegou a 91%. Na capital paulista, foi de 59%. Enquanto isso, no conjunto total de municípios,

o cadastro ficou praticamente estável, em 13,8 milhões.

Para analistas, a razão desse crescimento em centros urbanos desenvolvidos é o desemprego de longa duração. Hoje, uma em cada quatro pessoas em busca de vaga procura trabalho há pelo menos dois anos. O grupo nunca foi tão grande: 3,35 milhões.

— O seguro-desemprego só dura cinco meses. As pessoas estão levando muito mais tempo para conseguir trabalho — observa o cientista social do Ipea Luis Henrique da Silva Paiva, que foi Secretário Nacional para o Bolsa Família entre 2012 e 2015. — O Bolsa Família vive uma situação inédita. Passa a atender, além do pobre estrutural, o pobre eventual.

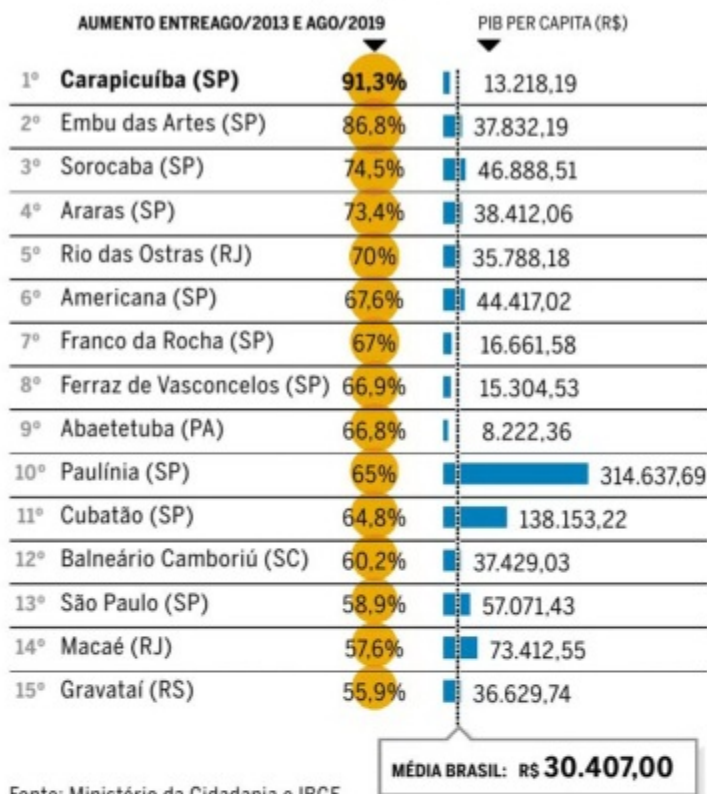
A demanda não para de crescer. A operadora de caixa Geni Diniz, de 40 anos, acabou de ser demitida de um supermercado. Moradora de Interlagos, na Zona Sul de São Paulo, há anos não fica mais de três meses num emprego. O companheiro, mecânico, também está desempregado. Por isso, acabaram de dar entrada no Bolsa Família, em busca de uma renda mínima.

— Preciso sustentar meus três filhos — diz Geni, que também foi ao mutirão de vagas no Centro de São Paulo. — Fui a outro no início do ano, arrumei vaga em um supermercado, mas, seis meses depois, já estou aqui de novo.



## POBREZA AVANÇA EM CENTROS URBANOS

Entre as 15 cidades com maior aumento de beneficiários do Bolsa Família, 11 têm renda per capita acima da média nacional



Fonte: Ministério da Cidadania e IBGE

O alvo do Bolsa Família são domicílios em situação de pobreza (com renda mensal entre R\$ 89,01 e R\$ 178 por pessoa) e que tenham filhos de até 17 anos ou na extrema pobreza. O benefício mais baixo é de R\$ 41, e o mais alto, de R\$ 89 por integrante da família. Em média, os contemplados recebem R\$ 190 por mês.

Para o pesquisador Marcelo Neri, diretor do FGV Social, o impacto social de uma crise

tão prolongada no mercado de trabalho teria sido muito pior sem o Bolsa Família:

— É a nossa ferramenta mais eficaz no combate à extrema pobreza. Com custo fiscal pequeno, tem grande efeito multiplicador: cada R\$ 1 de Bolsa Família vira R\$ 1,78 no PIB.

Neri calcula que desde o início da recessão, em 2014, cerca de 6,2 milhões de pessoas passaram a viver em um lar sem renda do trabalho. Paiva,

do Ipea, lembra que um estudo publicado no mês passado, do qual participou, aponta que, só em 2017, as transferências retiraram 3,4 milhões da pobreza extrema e outras 3,2 milhões da pobreza.

— O valor do benefício é muito modesto, mas, nessas horas, o Bolsa Família é o que dá à pessoa dinheiro para pagar a condução e poder procurar trabalho — observa o cientista social do Ipea, que defende um aumento no valor, embora reconheça não haver espaço nas contas do governo. — O limitador do impacto na pobreza não é o foco, mas o baixo valor das transferências.

### ‘ALÍVIO À POBREZA’

O economista-chefe do Instituto Ayrton Senna e professor do Insper Ricardo Paes de Barros acredita que, assim que a economia voltar a absorver um número maior de desempregados, o número de famílias dependentes dessa transferência de renda vai cair.

— O Bolsa Família está aí para servir como alívio à pobreza. Seja ela originária do desemprego de longo prazo ou a pobreza estrutural — diz Paes de Barros, mentor do programa, criado em 2003. — O orçamento do Bolsa Família tem girado em torno de R\$ 30 bilhões. É um valor totalmente adequado para aliviar nossa pobreza. Com menos pessoas precisando dele, será possível transferir mais para quem mais precisa.

Uma reformulação do Bolsa Família está em análise pela equipe econômica. Conforme revelou O GLOBO, a ideia, inspirada em um estudo do Ipea, é unificar quatro programas sociais para criar um benefício

universal para crianças e adolescentes, alcançando famílias hoje não cobertas pelo programa. O plano ainda está em análise técnica preliminar.

Dona do maior PIB municipal do país, São Paulo tem hoje 451 mil beneficiários do Bolsa Família. Em 2013, eram 284 mil. A pobreza, antes concentrada em regiões de periferia, como a Zona Leste, espalhou-se pela cidade. Têm aumentado os cadastros em regiões tradicionalmente menos empobrecidas, como Vila Mariana, Santana e Tucuruvi.

— Quem ficou sem trabalho entrou na informalidade e, em algum momento, cai no Bolsa Família. O programa virou um incremento mínimo de renda para essas famílias, que muitas vezes têm apenas isso — diz Luiz Fernando Francisquini, coordenador de Gestão de Benefícios da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS).



**Recurso.** Wallisson Machado, de 34 anos, tenta voltar à função de auxiliar de gráfica, que já exerceu com carteira assinada: usa o Bolsa Família para pagar passagem e seguir em busca de uma chance



*“O seguro-desemprego só dura cinco meses. As pessoas estão levando muito mais tempo para conseguir trabalho. O Bolsa Família vive situação inédita. Passa a atender, além do pobre estrutural, o pobre eventual”*

— **Luis Henrique da Silva Paiva**, cientista social e pesquisador do Ipea —

*“Sempre fui independente e trabalhei. Mas está difícil conseguir uma chance. Com filha recém-nascida, esposa com depressão e meus parentes não podendo mais ajudar, tive de pedir socorro ao governo”*

— **Wallisson de Brito Machado**, auxiliar de gráfica desempregado e beneficiário do Bolsa Família



# Pobreza cresce nas cidades que vivem da riqueza do petróleo

Com desemprego, número de beneficiários do Bolsa Família aumenta 57% em Macaé e 70% em Rio das Ostras

PEDRO CAPETTI\* E DAIANE COSTA  
economia@oglobo.com.br  
MACAÉ, RIO DAS OSTRAS E RIO

Aos 56 anos, o técnico em segurança do trabalho Marcos Antonio de Oliveira se viu obrigado a trocar o petróleo pelo churrasquinho. Natural de Salvador, ele pode ser considerado um “itinerante do óleo”. Em 2011, abandonou o polo petroquímico de Camaçari, na Bahia, para tentar a sorte na exploração do petróleo em Macaé, no Norte Fluminense. Conseguiu, mas tudo durou pouco. A perspectiva de crescimento da região deu lugar ao desemprego nos últimos anos, com a desaceleração dos investimentos da Petrobras desde a Lava-Jato e o declínio da produção na Bacia de Campos, que perde protagonismo para o pré-sal.

— É o momento mais difícil da minha vida. Estou desde os 14 anos trabalhando na área de petróleo. A Petrobras era um referencial aqui, hoje não é mais — diz Oliveira, que viu a renda despencar de R\$ 2.500 para R\$ 89 do Bolsa Família e foi para a informalidade.

Oliveira é um dos 11.286 beneficiários do Bolsa Família em Macaé, cidade onde houve um aumento de 57,6 % no cadastro do programa desde 2013. O salto pode ser explicado, entre outros fatores, pela alta do desemprego provocada pelo freio da indústria petrolífera na região. Contribuiu para isso a queda do preço internacional da *commodity* paralelamente à crise econômica do país. Entre 2013 e 2016, a cotação do barril caiu a menos da metade, o que desestimulou investimentos e prejudicou a cadeia de serviços na região.

Em julho de 2013, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP), a Bacia de Campos produzia 1,72 milhão

de barris por dia, quase 70% da produção nacional. Em julho de 2019, foi 1,13 milhão, 32% do total do país.

Nas ruas de Macaé e da vizinha Rio das Ostras, duas cidades muito dependentes dos royalties do petróleo e que estão entre as 15 do país com maior avanço do Bolsa Família, a decadência é visível. Nas áreas comerciais, multiplicam-se placas de “vende-se”, ou “passo o ponto”. Há cada vez mais vendedores nos sinais. Segundo o Caged, as duas cidades perderam, entre 2015 e 2018, quase 40 mil vagas com carteira assinada, em todos os níveis de qualificação.

— Com a crise e os investimentos direcionados para o pré-sal, muitos perderam seus empregos e, já com as vidas estabelecidas nessas cidades, ficaram em situação delicada — diz Karine Fragoso, gerente de Petróleo e Gás da Firjan.

Em Rio das Ostras, o cadastro do Bolsa Família subiu 70% em seis anos. Dispensada em 2015 de uma pousada que costumava hospedar profissionais de empresas ligadas à indústria petrolífera, a ex-camareira Monique Ferreira, de 27 anos, só conta com R\$ 212 mensais do Bolsa Família para alimentar dois filhos.

— Se eu não pedir na rua, passamos fome. Não tenho vergonha. Quero um emprego, mas está difícil, pedem muita qualificação — diz.

Sem dar conta de toda a demanda, a prefeitura de Rio das Ostras criou seu próprio programa de renda mínima para duas mil famílias em situação de pobreza e extrema pobreza sem acesso ao Bolsa Família.

— Nada indica que isso possa melhorar. Vemos um cenário crescente, no máximo estável — diz Alexandre Figueiredo, gestor do Bolsa Família na cidade. (\*Enviado especial)

*A renda caiu de R\$ 3 mil para R\$ 180*

FOTOS DE HERMES DE PAULA



Edinair Benedito, de 42 anos, e Açoieiro Benedito, de 52, saíram do Rio de Janeiro para Rio das Ostras (RJ) para aproveitar a expansão de empregos gerados pela indústria petrolífera, em 2009. Fizeram inúmeros cursos de especialização para trabalhar na área, mas o declínio da "commodity" veio antes. Sem emprego, viram a renda da casa cair de R\$ 3 mil para R\$ 180, fruto do Bolsa Família, em junho deste ano. Hoje, atrasam contas e vivem à espera de novo ciclo de alta do petróleo. "Nossa vida é o petróleo. Se voltar como era antes, os empregos vão voltar", garantem.



---

*Medo de voltar a viver na rua*



Demitida no mês passado com mais 20 funcionários de um cinema em Macaé (RJ) após mudanças na gestão do local por causa da crise, a auxiliar de serviços gerais Sirlene Alves de Souza, de 34 anos, está em busca do benefício do Bolsa Família. Ainda recebendo seguro-desemprego, ela se preocupa todos os dias com o risco de voltar a morar na rua com seu filho de 7 anos, em meio a inúmeras contas a pagar. "O seguro um dia acaba, isso está me preocupando. Se um dia o governo acabar com o Bolsa Família, e sem emprego, o que vai ser da gente?", pergunta.